

Importância do conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais em Buritis, MG, Brasil

Importance of traditional knowledge in the use of medicinal plants in Buritis, MG, Brazil

Bruno Henrique Ferrão*¹, Helaine Barros de Oliveira², Renata de Fátima Molinari¹,
Michelle Bicalho Teixeira¹, Gleide Gatti Fontes³, Marilane de Oliveira Fani Amaro³,
Marcelo Barcellos da Rosa⁴ e Camilo Amaro de Carvalho³

¹Departamento de Farmácia, União de Ensino Superior de Viçosa, UNIVIÇOSA, Viçosa, MG, Brasil

²Instituto Federal Sul de Minas Gerais (IFSMTG- Campus Muzambinho), Muzambinho, MG, Brasil

³Departamento de Medicina e Enfermagem, Universidade Federal de Viçosa, UFV, Viçosa, MG, Brasil

⁴Departamento de Química, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil

Resumo

O objetivo dessa pesquisa foi verificar o conhecimento e motivo do uso, assim como meios de obtenção e formas de utilização das plantas medicinais na cidade de Buritis, MG. Os dados da pesquisa foram coletados entre os meses de janeiro e julho de 2011. Baseado em um questionário semi-estruturado, 393 moradores da cidade de Buritis foram entrevistados. Destes, 91% afirmaram conhecer e utilizar as plantas medicinais, sendo a maioria (64%) mulheres. A faixa etária predominante foi 21-40 anos (50%). O principal motivo para utilização das plantas se dá pela tradição familiar (77%). A parte da planta mais utilizada nas preparações caseiras foi a folha; a forma de preparo mais utilizada foi a infusão; a maioria adquire suas plantas medicinais no próprio quintal. Conclui-se que o uso de plantas medicinais, no município estudado, é tradicional, porém este conhecimento está desaparecendo entre as novas gerações. Assim, este estudo contribui para o resgate do conhecimento e cultura da população pesquisada. Logo, como um dos objetivos de um trabalho etnofarmacológico é a devolução dos resultados da pesquisa para a comunidade, o mesmo será feito através de palestras e cartilhas nas escolas para favorecer o processo de conscientização sobre a importância da biodiversidade do Cerrado.

Palavras-chave: Etnofarmacologia, Cerrado, plantas medicinais, Buritis.

Abstract

The objective of this research was to determine the knowledge and reason for use, as well as means of obtaining and uses of medicinal plants in the city of Buritis, MG. The survey data were collected between January and July 2011. Based on a semi-structured questionnaire, 393 residents in Buritis were interviewed. Of these, 91% claimed to know and use medicinal plants, the majority (64%) women. The predominant age group was 21-40 years (50%). The main reason for the use of plants is by family tradition (77%). The part of the plant most used in homemade preparations was the sheet, the most widely used form of preparation was infused, the majority acquires medicinal plants in their own backyard. We conclude that the use of medicinal plants in the municipality studied, is traditional, but this knowledge is disappearing among the younger generations. Thus, this study contributes to the rescue of the knowledge and culture of the population studied. As soon as one of the goals of an ethnopharmacological work is the return of research results to the community, the same will be done through lectures and textbooks in schools to assist with the process of awareness about the importance of biodiversity of the Cerrado.

Keywords: Ethnopharmacology, Cerrado, medicinal plants, Buritis.

* brunohferrao@yahoo.com.br

Recebido: 20/03/2014 Aceito: 20/03/2014

1 Introdução

A história da humanidade é acompanhada pela utilização de plantas medicinais que exercem papel significativo na terapêutica mundial (PIRONDO, et al., 2011). A totalidade de recursos naturais existentes no planeta ainda está muito longe de ser plenamente conhecida e entendida pelo homem (CUASSOLO, et al., 2010). No Brasil, apesar da sua imensa diversidade vegetal, pouco se tem feito para estudar o seu potencial como fonte de novas drogas (CAMPESATO, 2005).

O conhecimento é tradicional quando referente àquele transmitido ao longo das gerações de um determinado povo, podendo fornecer dados importantes para novas pesquisas científicas sobre as propriedades terapêuticas das plantas (VENDRUSCOLO & MENTZ, 2006).

A etnofarmacologia é um ramo da farmacologia e tem sido definida como o estudo das interações humanas com as plantas (CRESPO, 2010) e neste contexto ela possui a missão de resgatar esse conhecimento, a fim de melhor entender e aprimorar as relações do homem com os recursos vegetais (PATWARDHAN, 2005).

O conhecimento etnofarmacológico é um saber aliado na vivência dos indivíduos, nas suas relações pessoais, sociais e também com o ambiente. Pode-se afirmar que o conhecimento tradicional é o resultado da integração de uma população com o meio ambiente e suas descobertas, o que justifica sua riqueza e diversidade (RODRÍGUEZ & ROBINEAU-GERMOSÉN, 2009).

Todas as plantas são potencialmente capazes de sintetizar metabólitos secundários, com atividade biológica. No entanto, essa característica é mais comum entre as plantas selvagens, que, ao longo do seu ciclo evolutivo, desenvolveram mecanismos de adaptação em seu meio ambiente nativo (OLIVEIRA, et al., 2009).

O Cerrado representa o segundo maior bioma do Brasil, considerado uma savana tropical ocupa cerca de dois milhões de km² do território nacional, abrange dez estados e é superado apenas pela floresta amazônica. A característica geral do clima é quente e chuvoso no verão e seco no inverno (SANO, et al., 2008).

Mesmo sendo um ecossistema de índice pluviométrico baixo e de paisagem agressiva, possui cerca de dez mil espécies de plantas (ABRÃO, 2010), sendo muitas endêmicas, algumas com valor econômico como fonte alimentícia, madeireira e melífera (MELO, 2011), além de muitas plantas com potencial medicinal desconhecidas pela comunidade científica (SOUZA & FELFILI, 2006).

Todavia, esta riqueza contrapõe-se a rapidez com que este bioma é devastado (MELO, 2011). Segundo Sawyer (2009), no Cerrado, o desmatamento anual pode ser duas ou três vezes maior que na Amazônia, sendo que neste bioma ainda não há nenhum programa ou política de controle do desmatamento, já Machado et al. (2004), afirmam que se atuais perdas de áreas nativas permanecerem, o Cerrado deverá ser totalmente destruído em 2030.

A acelerada destruição da biodiversidade do Cerrado representa uma perda do conhecimento adquirido por muito tempo, esta perda pode ser comparada a uma “queima de biblioteca”, sendo assim a criação de projetos e áreas de proteção torna-se cada vez mais necessária, não somente pelo poder público, mas por toda a sociedade (SOUZA & FELFILI, 2006).

Muitos pesquisadores já reconhecem a carência de pesquisas com objetivos de resgatar a vasta gama de informações sobre o uso medicinal de plantas e destaca-se essa carência principalmente no Cerrado brasileiro (ELISABETSKY & SOUZA, 2004). Entretanto, a acelerada destruição da biodiversidade do Cerrado representa uma perda do conhecimento adquirido por muito tempo (SOUZA & FELFILI, 2006).

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo fazer um resgate do conhecimento popular tradicional, através de um levantamento etnobotânico e etnofarmacológico, levando-se em consideração que um dos requisitos para implantação de programas de conservação é o conhecimento sobre a diversidade biológica existente na região, além de proporcionar uma conscientização da importância da biodiversidade local para a sobrevivência de muitos membros da comunidade entrevistada, seja pelo comércio de plantas medicinais, seja por possuírem as plantas medicinais como única alternativa terapêutica de tratamento.

2 Material e métodos

O levantamento etnobotânico e etnofarmacológico, foi realizado no município de Buritis, região Noroeste de Minas Gerais, criado pela lei 2764 de 30 de dezembro de 1962 e instalado em 01 de março de 1963, pertencente ao bioma do Cerrado. A cidade possui uma área territorial de 5.219 km² e se encontra nas coordenadas geográficas: 15° 37' 22,10 S e 46° 25' 24,98" O, distando 722 km da capital do Estado e 220 km da capital Federal (Brasília). Segundo dados do censo IBGE (2010) a população em 2010 foi de 22.729 habitantes, correspondendo a uma densidade demográfica de 4,11 habitantes/km².

A pesquisa ocorreu nos meses de janeiro, fevereiro, junho e julho de 2011, por meio de aplicação de questionários semi-estruturados. O projeto foi aprovado, sob o protocolo no 00065/2011-I, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde – FACISA/UNIVICOSA. A participação na pesquisa foi voluntária e todas as condições e características da pesquisa foram esclarecidas antes da realização da entrevista, segundo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, que normatiza as pesquisas envolvendo seres humanos. Anexo ao questionário, havia o termo de consentimento livre e esclarecido, no qual aqueles que aceitaram participar assinaram para comprovar a sua voluntariedade.

Os questionários semi-estruturados constaram de

dados gerais dos entrevistados (idade, sexo, grau de instrução), informações a respeito das plantas (motivo da utilização da planta, sua utilidade, parte utilizada, modo de uso), além de permitir aos participantes expressarem suas opiniões e pontos de vista.

A amostra deste estudo foi constituída por 393 pessoas, sendo calculada segundo as equações I e II para amostragem, descritas por Carvalho, 2005.

$$\text{Equação I: } n_0 = 1 / (E_0)^2$$

$$\text{Equação II: } n = N \times n_0 / N + n_0$$

Sendo que:

n_0 = primeira aproximação do tamanho da amostra

E_0 = erro amostral tolerável (estipulado para 5%)

N = tamanho da população (aproximadamente 23 mil)

n = tamanho da amostra

Todas as citações dos entrevistados foram analisadas e após a identificação das plantas, todas encontradas com auxílio de três informantes (raizeiros) foram herborizadas em acervo pessoal, somando um total de 88 exsiccatas.

A identificação das plantas relatadas foi realizada por meio de comparação das exsiccatas e nomes populares com imagens para comparações, consulta a especialistas e literatura especializada como livros e trabalhos científicos sobre plantas medicinais (LORENZI & MATOS, 2002; ABRÃO, 2010).

Os resultados obtidos foram submetidos à análise estatística descritiva por meio de frequência relativa.

3 Resultados e discussão

Do total de 393 indivíduos entrevistados, 359 (91%) afirmaram fazer uso de plantas para tratamento de alguma enfermidade e/ou possuem conhecimento acerca das mesmas. Destes, 231 (64%) eram do gênero feminino e 128 (36%) do gênero masculino.

Diante desses resultados, pode-se levantar a possibilidade dos mesmos terem sido influenciados pelo horário em que as pesquisas foram realizadas (entre 09h00min e 18h00min), uma vez que ainda há um predomínio de homens trabalhando fora e mulheres em casa, nas pequenas cidades brasileiras. No entanto, deve-se ressaltar que comumente os levantamentos etnofarmacológicos revelam maior frequência de mulheres com este tipo de conhecimento, tanto que dados semelhantes já foram relatados por diversos autores como, Souza, et al., (2010), Calabria, et al., (2008), Arnous, et al., (2005), entre outros.

Segundo Rodrigues & Casali (2002), as mulheres são grandes detentoras do conhecimento sobre as plantas medicinais e têm importante papel no processo de transmissão.

O desempenho das atividades cotidianas pode ser um fator responsável pela diferenciação do conhecimento entre os gêneros. A mulher geralmente é a responsável

pelo cultivo das plantas medicinais e pelos cuidados aos familiares quando enfermos, portanto seu conhecimento é mais abrangente sobre as espécies “domesticadas”, enquanto entre os homens verifica-se maior conhecimento sobre as plantas nativas (ALMEIDA, et al., 2009).

Foram entrevistados 393 indivíduos, em que 10,7% apresentavam-se em faixa etária abaixo de 20 anos, 47,8% entre 21 a 40 anos, 26,5% entre 41 e 60 e 15,0% acima de 60 anos.

Observa-se que a parte da população entrevistada que mais detém o conhecimento sobre as plantas medicinais encontra-se acima de 60 anos (100% dos indivíduos nessa faixa afirmaram possuir conhecimento acerca de plantas medicinais), e esse percentual de conhecimento diminui gradativamente com a redução da faixa etária dos indivíduos (Tabela 1). De acordo com outros autores, a faixa etária mais conhecedora do uso de plantas medicinais também tem sido os entrevistados acima de 60 anos, deparando-se com um resultado similar a esta pesquisa, como no estudo de Rodrigues e Carvalho (2001) onde a faixa de 56 a 72 anos é predominante e 61 a 70 no estudo de Calabria et al. (2008).

Um dado relevante foi a “quebra” no repasse do conhecimento na faixa etária inferior a 20 anos. Em todas as faixas observou-se no mínimo 96% de prevalência de indivíduos conhecedores sobre o número total de indivíduos entrevistados na faixa etária, no entanto, na faixa etária mais jovem o percentual reduziu para apenas 38% de indivíduos afirmando possuir conhecimento sobre plantas medicinais (Tabela 1). Tal resultado indica que o conhecimento está sendo perdido nas novas gerações, sendo este fato prejudicial porque pode gerar a extinção de um conhecimento adquirido ao longo de muitas gerações na região. Gama & Silva (2006) verificaram em seu estudo na cidade de São Paulo, que os idosos são grandes conhecedores e recorrem frequentemente a fitoterapia como fonte de tratamento.

Verificou-se que dentre todos os entrevistados com conhecimento acerca de plantas, apenas 4% eram jovens, o que aponta para uma possível perda de repasse acerca de tal conhecimento tradicional, o que em um futuro próximo pode acarretar na extinção, em curto espaço de tempo, de um saber único. Neste sentido, levantamentos etnofarmacológicos prestam grande contribuição para o resgate deste tipo de conhecimento e cultura na população pesquisada.

Deve-se ressaltar que alguns fatores do mundo moderno podem ser responsáveis pela perda do conhecimento popular tradicional, tais como as mudanças econômicas e culturais externas, a maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna e o fato dos membros mais jovens encararem o saber tradicional como sendo inferior (ALMEIDA, et al., 2009). De acordo com WAYLAND (2004), a imagem dos medicamentos alopáticos, veiculadas nos meios de comunicação, é símbolo de modernidade e contrasta com a imagem do recurso terapêutico antigo dos chás. Tais intervenções

Tabela 1. Relação dos entrevistados que possuem conhecimento por faixa etária.

<i>Faixa Etária</i> anos	<i>Número de Entrevistados Total</i>	<i>Número de entrevistados conhecedores por faixa etária</i>	<i>% *</i>
Até 20	42	16	38,09%
21 a 40	188	182	96,80%
41 a 60	104	102	98,08%
Acima de 60	59	59	100%
Total	393	359	

*Percentual de entrevistados conhecedores em suas respectivas idades.

podem causar o fascínio dos jovens pelos medicamentos alopáticos.

Sacramento (1997) complementa que, devido à influência dos meios de comunicação, o saber popular com relação às plantas medicinais passou por um processo de descaracterização nas últimas décadas. A autora ainda alerta que ao seu combate, são necessários cada vez mais trabalhos de resgate do conhecimento popular.

Quando questionados sobre o motivo do uso de plantas medicinais, os principais relatados para o uso dos vegetais foram: tradição familiar (77%), por não fazer mal a saúde (11%), baixo custo (6%), indicação médica (5%), outros motivos (1%).

Mosca & Loiola (2009) mencionaram que, entre os entrevistados de seu levantamento no Rio Grande do Norte, havia uma acentuada influência da tradição familiar, que repassava informações acerca de como utilizar plantas no tratamento das doenças.

As práticas relacionadas ao uso popular de plantas medicinais são transmitidas oralmente de gerações a gerações e os estudos etnofarmacológicos são de suma importância para a preservação deste conhecimento (FALCÃO & MENEZES, 2003), o qual está em processo de desaparecimento.

Aproximadamente, mais da metade (51%) dos entrevistados coletam as plantas medicinais nos quintais de suas próprias residências. Resultado bem próximo foi obtido por Brasileiro, et al. (2008), em que a maioria da população amostrada também adquire plantas através de plantações próprias.

Entretanto, a coleta na mata nativa foi a segunda forma de coleta mais citada, atingindo uma frequência relativa de 38%. Este dado é muito relevante, pois, indica que grande parte da população recorre às plantas oriundas da região para tratar doenças, o que caracteriza o Cerrado como uma importante fonte de remédios naturais para sua população local.

O levantamento amostrou 128 espécies, distribuídas em 55 famílias (Tabela 2). As famílias mais representativas foram, respectivamente, *Asteraceae*, *Lamiaceae*, *Fabaceae* e *Rubiaceae*. Essas famílias têm sido freqüentemente registradas como as mais abundantes em levantamentos da flora medicinal (PEREIRA, et al., 2007).

Grande parte das plantas medicinais utilizadas na América Latina pertence às famílias *Lamiaceae* e *Asteraceae*, que se caracterizam por possuírem elevado número de espécies ricas na categoria de princípios ativos chamada de “óleos essenciais” ou “óleos voláteis”. Tal categoria de princípios ativos é responsável por amplo espectro terapêutico, tanto no sistema digestório quanto respiratório (ALMASSY JUNIOR, 2004).

Ao comparar os resultados da Tabela 2 com as descrições das espécies apresentadas na Farmacopéia Brasileira (Brasil, 2010a; Brasil 2010b), verificou-se que apenas 07 destas espécies estão descritas: *Cymbopogon citratus* Stapf., *Psidium guajava* L., *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville, *Allium sativum* L., *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC, *Phyllanthus niruri* L. e *Phyllanthus tenellus* Roxb.

Portanto, os resultados deste levantamento sugerem a importância de se resgatar o conhecimento tradicional das plantas medicinais do Cerrado para gerar diversos benefícios como conservar informações que estão sendo perdidas muito rapidamente nas últimas gerações; favorecer o processo de conscientização da importância do Cerrado e sua flora medicinal na população local; direcionar futuras pesquisas em busca de novos produtos naturais com potencial terapêutico com plantas do Cerrado e proporcionar uma ligação das Universidades com populações locais, gerando trocas de diferentes conhecimentos.

Tabela 2 . Espécies tradicionalmente medicinais mais citadas pela população de Buritis, MG.

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicação Popular	Parte Utilizada	Modo de Uso
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	Afecções renais, hipertensão	Folha	Decocção
Açafrão	<i>Curcuma longa</i> L.	Zingiberaceae	Problemas hepáticos, gastrite	Rizomas	Decocção, maceração
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Brassicaceae	Expectorante, antiinflamatório	Hastes	Infusão, xarope
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> L.	Asteraceae	Hipocolesterolêmica	Folha	Infusão
Alfavaca, Alfavaquinha	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Gripe, tosse	Folha	Infusão
Alfavaca, alfavaca cravo	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Lamiaceae	Gripe	Folha	Infusão
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Malvaceae	Antiinflamatório, cálculos renais	Folha	Decocção, suco
Algodãozinho	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. & Schr.) pilger.	Cochlospermaceae	Antiinflamatório urinário e uterino	Folha	Decocção
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Antiinflamatório, problemas respiratórios, hipertensão	Folha, haste	Decocção, infusão, xarope
Alevante	<i>Mentha spicata</i> L.	Lamiaceae	Gripe, tosse, expectorante	Folha	Xarope
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae	Hipocolesteromiante, antiinflamatório	Fruto	Xarope
Amora	<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae	Menopausa, emagrecer, hipertensão, inflamação uterina	Folha	Infusão
Amor deixado, macaé	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Lamiaceae	Dor de barriga	Flor, folha	Infusão
Angá, ingá	<i>Inga sp.</i>	Fabaceae	Cicatrização	Cascas	Decocção e compressas
Angélica	<i>Angelica archangelica</i> L.	Apiaceae	Afecções renais	Raiz	Decocção
Angico branco	<i>Albizia niopoides</i> (Benth) Burkart	Mimosoideae	Afecções pulmonares, cicatrizante	Casca	Decocção, maceração
Araçá	<i>Psidium araca</i> Raddi.	Myrtaceae	Antidiarréico	Folha	Decocção
Araticum, articum	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Annonaceae	Antidiarréico, úlceras	Folha, raiz	Decocção
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae	Afecções urinárias, coceira, depurativo, labirintite	Entrecasca	Decocção ou maceração

Continua...

Tabela 2 . Continuação...

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicação Popular	Parte Utilizada	Modo de Uso
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Cólicas menstruais	Folha	Infusão
Assa peixe, Assa peixe branco	<i>Vernonia brasiliiana</i> (L.) Druce	Asteraceae	Gripe, bronquite, tosse	Folha	Decocção e xarope
Babosa	<i>Aloe vera</i> L.	Liliaceae	Câncer, digestivo, cicatrizante	Folha	Compressa
Bálsamo	<i>Cotyledon orbiculata</i> L.	Crassulaceae	Contusões, feridas na pele	Folha	Compressa
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Fabaceae	Cicatrizante, antibiótico, anti-séptico, inflamação uterina	Entrecasca	Decocção
Baru	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Leguminosae	Tônico, gripe, tosse, artrose, gastrite, anemia	Entrecasca, folha e semente	Decocção, xarope e consumo da semente
Batata de purga	<i>Ipomoea operculata</i> Mart.	Convolvulaceae	Verminoses, purgativa	Raiz	Infusão
Berinjela	<i>Solanum melongena</i> L.	Solanaceae	Diabetes	Fruto	Suco
Boldo, sete dores	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Lamiaceae	Digestivo, afecções hepáticas, afecções estomacais, gastrite	Folha	Infusão, maceração, suco
Boldo, Boldo da China, Boldo japonês	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	Digestivo, afecções hepáticas, afecções estomacais, náuseas	Folha	Infusão, maceração, suco
Bugre	<i>Rudgea virbunoides</i> (Cham) Benth.	Rubiaceae	Anti reumático, cálculo renal, afecções de bexiga, emagrecimento	Folha	Decocção
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Arecaceae	Vermífugo, cicatrizante, dores na coluna	Raiz	Decocção, alcoolaturas
Cagaiteira	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Myrtaceae	Laxante, icterícia, afecções renais	Folha, fruto	Decocção, suco
Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Feridas na boca	Entrecasca	Decocção (gargarejo)
Calunga	<i>Simaba ferruginea</i> St. Hil	Simaroubaceae	Cálculos biliares, afecções hepáticas e digestivas	Raiz	Maceração, decocção
Camomila	<i>Matricaria chamomila</i> L.	Asteraceae	Cólica, calmante	Flor	Infusão
Cana de macaco	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.)	Costaceae	Cálculo renal, Diurético	Haste	Decocção

Continua...

Tabela 2 . Continuação...

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicação Popular	Parte Utilizada	Modo de Uso
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Lauraceae	Gripe, resfriados	Folha	Decocção, inalação
Canelinha de perdiz, pé de perdiz	<i>Simarouba versicolor</i> A. St.-Hil.,	Simaroubaceae	Cicatrizante, Inflamações do útero, cálculo biliar, cálculo renal	Folha, raiz	Decocção
Capim meloso	<i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.	Poaceae	Afecções pulmonares	Folha	Infusão, xarope
Capim santo, capim cidreira, capim limão, erva cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	Poaceae	Calmante, insônia, analgésico, resfriado, hipotensor	Folha	Infusão, xarope
Capitão	<i>Terminalia argentea</i> Mart. & Zucc.	Combretaceae	Tosse, gripe	Casca	Decocção
Carrapicho	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Asteraceae	Dores na costas	Toda	Decocção
Carrapicho	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Asteraceae	Febre, vermífugo	Toda	Decocção
Cariru de porco	<i>Amaranthus hybridus</i> L.	Amaranthaceae	Febre	Raiz	Decocção
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Asteraceae	Afecções hepáticas, diurético, obesidade	Folha	Infusão
Carobinha	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	Bignoniaceae	Laxante, diurética	Raiz	Decocção
Chá verde	<i>Camelia sinensis</i> L.	Theaceae	Diurético	Flor	Infusão
Chapéu de couro	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	Alismataceae	Afecções renais, erupções cutâneas	Folha, rizoma	Decocção
Chuchu	<i>Sequium edule</i> (Jacq.) Sw.	Cucurbitaceae	Diurético e hipotensor	Folha	Infusão
Cipó podre	Não identificada	Não identificada	Analgésico	Folha, casca	Infusão
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	Cicatrizante, antiinflamatório	Folha	Compressa, infusão
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> , Mart.	Caesalpiniaceae	Cicatrizante, afecções respiratórias	Óleo e/ou resina do caule	Óleo in natura, xarope, decocção

Continua...

Tabela 2 . Continuação...

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicação Popular	Parte Utilizada	Modo de Uso
Cordão de frade	<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	Lamiaceae	Asma	Folha	Decocção
Crista de galo	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Boraginaceae	Amenorréia	Folha	Decocção
Dorme dorme, dorme maria	<i>Mimosa pudica</i> L.	Mimosaceae	Afecções hepáticas	Raiz	Decocção
Douradinha do campo	<i>Palicourea coriacea</i>	Rubiaceae	Afecções renais, doenças venéreas	Folha	Decocção
Embaúba, Umbaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Willd.	Moraceae	Gripe, expectorante, bronquite, anti-hipertensivo	Folha	Decocção, xarope
Emburana, Imburana	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Fabaceae	Anti reumático, gripe	Casca	Decocção, maceração
Erva cidreira, erva cidreira de arbusto	<i>Lippia alba</i> (Mill) N. E. Brown.	Verbenaceae	Calmante, insônia, relaxante, hipotensora	Folha	Infusão
Erva cidreira, melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	Calmante, resfriados	Folha	Infusão
Erva tostão	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Nyctaginaceae	Afecções hepáticas	Toda	Decocção,
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae	Afecções das vias respiratórias	Folha	Infusão, inalação
Favela	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Caesalpiniaceae	Cicatrizante, queimaduras	Casca, raiz, folha	Decocção
Fedegoso	<i>Senna corymbosa</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	Fabaceae	Gripe	Raiz	Decocção
Feijão andu	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Fabaceae	Dores na coluna	Folha	Decocção
Figueira	<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae	Tosse	Folha	Decocção
Folha da fortuna	<i>Bryophillum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Crassulaceae	Gastrite, inflamações, gripe	Folha	Decocção
Funcho, erva doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Apiaceae	Calmante, cólicas em bebês	Folha	Infusão
Gariroba	<i>Eugenia variabilis</i> M.	Mirtaceae	Diarréia	Folha	Infusão
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	Gripe, tosse	Rizoma	Decocção, xarope

Continua...

Tabela 2 . Continuação...

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicação Popular	Parte Utilizada	Modo de Uso
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	Verbenaceae	Gripe, pneumonia	Ramo	Infusão
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Diarréia	Folha	Decocção
Gonçalinho	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Salicaceae	Gripe, pneumonia	-	-
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	Câncer, emagrecer	Folha	Decocção
Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Asteraceae	Expectorante, tosse, gripe	Folha	Xarope
Guiné, tipi	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	Dor muscular, anti reumática	Folha, raiz	Compressa
Hortelã, hortelã pimenta,	<i>Mentha piperita</i>	Lamiaceae	Gripe, tosse, bronquite, vermífugo	Folha	Infusão, decocção, xarope
Hortelã, hortelã-gordo	<i>Plectranthus amboinicus</i> L.	Lamiaceae	Gripe, tosse	Folha	Suco, xarope
Ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.	Fabaceae	Afecções bucais	Folha	Infusão
Insulina	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Vitaceae	Diabetes	Folha	Suco
Ipê roxo	<i>Tabebuia avellanedae</i> Lor. Ex Griseb.	Bignoniaceae	Antiinflamatório, inflamações da próstata, câncer, hipocolesteromiante, anti reumático	Entre casca, folha	Decocção, maceração
Ipê amarelo	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore	Bignoniaceae	Expectorante, gripe	Entre casca	Decocção
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpiniaceae Leguminosae	Afecções pulmonares, depurativo, diabetes, úlcera	Casca, fruto	Suco, decocção, xarope
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	Gastrite	Casca	Decocção
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	Afecções hepáticas, estimulante da digestão	Folha e fruto	Decocção
Lobeira	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St. Hil.	Solanaceae	Afecções hepáticas	Fruto	Suco
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae	Afecções digestivas e hepáticas, labirintite	Folha	Maceração, infusão

Continua...

Tabela 2 . Continuação...

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicação Popular	Parte Utilizada	Modo de Uso
Macelinha	<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC	Asteraceae	Afecções digestivas	Folha	Infusão
Malva	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Malvaceae	Antiinflamatório	Folha	Infusão
Mama cadela	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Moraceae	Vitiligo	Raiz	Decocção, compressa
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	Labirintite, tonturas, hipocolesteremiante	Flor	Maceração
Mangabeira, Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Apocynaceae	Hipertensão	Folha	Decocção
Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Gripe, dor de cabeça	Folha	Infusão
Maracujá	<i>Passiflora alata</i> Curtis	Passifloraceae	Calmante, insônia	Folha, fruto	Infusão, suco
Marmelo do cerrado	<i>Alibertia sessilis</i>	Rubiaceae	Afecções bucais	Fruto, semente	Decocção
Mastruz, Mastruço, Mentruz, Erva de santa maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Verminoses, antiinflamatório, tônico, cicatrizante	Hastes, raiz	Infusão, decocção, suco
Mentrasto	<i>Argeratum conyzoides</i> L.	Asteraceae	Cólicas, artrite, reduzir colesterol	Folha	Infusão
Mil folhas	<i>Achillea millefolium</i> L.	Asteraceae	Analgésico	Hastes	Compressas
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Gramineae	Infecção urinária	Estigmas e estiletes ("cabelo de milho")	Infusão
Mutamba	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Sterculiaceae	Queda de cabelo	Fruto	Decocto em óleo para aplicação tópica
Pacari	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	Lytharaceae	Cicatrizante, gastrite e úlceras, antibiótico	Folha	Compressa, Decocção
Para tudo	<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	Amaranthaceae	Febre, asma, anemia	Raiz	Decocção
Pequi, piqui	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Caryocaceae	Afecções das vias respiratórias	Folha	Infusão

Continua...

Tabela 2 . Continuação...

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicação Popular	Parte Utilizada	Modo de Uso
Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Afeções das vias urinárias, renais e hepáticas	Ramos, raiz	Infusão, decocção
Planta da seda	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W. T. Aiton	Asclepiadaceae	Anti reumática	Folha	Decocção
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	Gripe, expectorante, sinusite	Haste/ramos	Infusão, inalação
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	Cálculos renais	Toda	Decocção
Quebra pedra	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Euphorbiaceae	Cálculos renais, infecção urinária	Toda	Decocção
Quina do cerrado	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Loganiaceae	Estimulante do apetite, cólicas menstruais	Folha	Decocção
Quitoco	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Asteraceae	Digestive, cólicas estomacais, ressaca	Folha	Suco
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae	Inflamação de garganta, tosse	Fruto	Decocção
Rosa branca	<i>Rosa alba</i> L.	Rosaceae	Laxante	Flor	Infusão
Rosquinha			Gastrite	Raiz	Decocção
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Caprifolicaceae	Gripe, antiinflamatório, sinusite	Flor, folha	Decocção
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) A. W. Hill	Apiaceae	Infecção urinária	Toda	Infusão
Sangra d'água	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Euphorbiaceae	Cicatrização	Seiva	Compressa
São Caetano	<i>Mormadica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	Cálculos renais, verminoses	Raiz	Decocção
Sucupira, Sucupira branca	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Fabaceae	Inflamação de garganta, cálculos renais	Semente	Decocção, infusão, alcoolatura
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Fabaceae	Laxante	Fruto	Suco
Tansagem, tanchagem	<i>Plantago australis</i> L.	Plantaginaceae	Antiinflamatório	Folha	Suco, infusão

Continua...

Tabela 2 . Continuação...

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicação Popular	Parte Utilizada	Modo de Uso
Tansagem, tanchagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	Antiinflamatório, afecções estomacais	Folha	Suco, infusão
Terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	Antibiótico	Folha	Infusão, suco
Tingui	<i>Magonia pubescens</i> St. Hil.	Sapindaceae	Inflamação de garganta	Fruto	Mastigação
Valeriana	<i>Valeriana officinalis</i>	Valerianaceae	Calmanete	Folha	Cápsula
Velame branco	<i>Macrosiphonia</i> sp.	Apocynaceae	Depurativo, febre, expectorante, tosse	Folha	Infusão, xarope
Vick	<i>Mentha arvensis</i> L.	Lamiaceae	Gripe, tosse, expectorante, bronquite	Folha	Infusão, xarope

4 Conclusão

A população do Buritis - MG, utiliza um grande número de espécies vegetais, principalmente, para fins medicinais. Nesta pesquisa foram levantadas 128 espécies, havendo a possibilidade de haver muitas outras de potencial terapêutico nem conhecidas.

O levantamento etnofarmacológico permitiu verificar que o uso de plantas medicinais no município de Buritis - MG possui tradicionalidade, uma vez que o principal motivo citado para a utilização das plantas medicinais é a tradição familiar (77%). Na faixa etária acima de 60 anos, 100% dos entrevistados tinham conhecimento sobre plantas medicinais, no entanto, na faixa etária abaixo de 20 anos, apenas 38% possuíam esse tipo de conhecimento, apresentando uma preocupante falta de repasse desse tipo de informação para os jovens e evidenciando a importância de se resgatar esse tipo de conhecimento a fim de evitar sua extinção num curto período de tempo.

Referências

ABRÃO, R. As ervas e a saúde: A farmácia no cerrado. Edição de autor, 2010.

ALMASSY JUNIOR, A. A. Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, Ouro Preto/MG. 147p. Tese (doutorado) apresentada ao programa de pós-graduação em Fitotecnia, da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2004.

ALMEIDA, N. F. L. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Viçosa – MG. Revista Brasileira de Farmácia. v. 90, p. 316 – 320, 2009.

ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNER, R. D. C. Plantas Mediciniais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. Revista Espaço para a Saúde. v. 6, p. 1 – 6, 2005.

Brasil. Farmacopéia Brasileira. Volume 1/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2010a. 546p., 1v/il. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/farmacopeiabrasileira/index.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2011.

BRASIL. Farmacopeia Brasileira. Volume 2 / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2010b. 904p., 2v/il. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/farmacopeiabrasileira/index.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2011.

BRASILEIRO, B. G. et al. Plantas medicinais utilizada pela população atendida no programa saúde da família, Governador Valadares, MG, Brasil. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas. v. 44, p. 629 – 636, 2008.

CALABRIA, L. et al. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais. v. 10, p. 49 – 63, 2008.

- CAMPESATO, V. R. Uso de plantas medicinais durante a gravidez e risco de malformações congênitas. 138p. Tese (doutorado) apresentada ao programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2005.
- CARVALHO, S. F. Estatística básica: teoria e 150 questões. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- CRESPO, A. B. Recursos Genéticos y Conocimiento Etnofarmacológico Cubanos. Su protección mediante patentes. Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas. v. 9, n.3, p.153-165, 2010.
- CUASSOLO, F.; LADIO, A. & EZCURRA, C. Aspectos de la comercialización y control de calidad de las plantas medicinales más vendidas en una comunidad urbana del NO de la Patagonia Argentina. Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas. v. 9, n.3, p. 166 – 176, 2010.
- ELISABETSKY, E. & SOUZA, G. C. Etnofarmacologia como ferramenta de busca de substâncias ativas. In: Simões CMO, et al. Farmacognosia: da planta ao medicamento. 5ed. Revisada, Porto Alegre/ Florianópolis: Editora da UFSC, p. 107-122, 2004.
- FALCÃO, D. Q. & MENEZES, F. S. Revisão etnofarmacológica e química do gênero *Hyptis*. Revista Brasileira de Farmácia. v. 84, p. 69 – 74, 2003.
- GAMA, M. & SILVA, M. J. P. A utilização da fitoterapia por idosos de um Centro de Saúde em área central da cidade de São Paulo. Saúde Coletiva. v. 11, p. 79 – 84, 2006.
- IBGE. IBGE Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 10 fev. 2011.
- LORENZI, H. & MATOS, F. J. A. Plantas medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas. Nova Odessa – SP: Ed. Plantarum, 2002.
- MACHADO, R. B. et al. Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro. Relatório técnico não publicado. Conservação Internacional, Brasília, DF. Disponível em: <<http://conservation.org.br/arquivos/Relat.DesmatamCerrado.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2010.
- MELO, J. A. Valorização da flora do cerrado com importância medicinal. 34p. Monografia apresentada a Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2011.
- MOSCA, V. P. & LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte. Revista Caatinga. v. 22, p. 225 – 234, 2009.
- OLIVEIRA, F. C. et al. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. Acta Botanica Brasilica. v. 23, p. 590 – 605, 2009.
- PATWARDHAN, B. Ethnopharmacology and drug discovery. Journal of Ethnopharmacology. v. 100, p. 50-52, 2005.
- PEREIRA, Z. V. et al. Levantamento das plantas medicinais do Cerrado Sensu Stricto da Fazenda Paraíso – Dourados, MS. Revistas de Biociências. v. 1, p. 249 – 251, 2007.
- PIRONDO, A. et al. Influencia de factores externos sobre la comercialización de plantas medicinales em um medio urbano: El caso de vendedores criollos e indígenas em Corrientes, Argentina. Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas. v. 10, p. 553 – 569, 2011.
- RODRIGUES, V. E. G. & CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no Domínio do Cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. Ciência e Agrotecnologia. v. 25, p.102-123, 2001.
- RODRIGUES, A. G. & CASALI, V. W. D. Plantas medicinais, conhecimento popular e etnociência. In: Rodrigues AG, Andrade FMC, Coelho FMG. et al. Plantas Medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia. Viçosa: UFV, p. 25 – 76, 2002.
- RODRÍGUEZ, F. M. & ROBINEAU-GERMOSÉN, L. Cuban collaboration with the Program for Applied Research and Diffusion of Medicinal Plants in the Caribbean (TRAMIL). Revista Cubana Plantas Medicinales. v. 14, n.4, 2009.
- SACRAMENTO, H. T. Experiência no trabalho fitoterápico. In: plantando e colhendo saúde. 1o Seminário Estadual de Plantas Medicinais. p. 47 – 50, 1997.
- SANO, E. E. et al. Mapeamento semidetalhado do uso da terra do Bioma Cerrado. Pesquisa Agropecuária Brasileira. v. 43, p. 153 – 156, 2008.
- SAWYER D. Fluxos de carbono na Amazônia e no Cerrado: um olhar socioecossistêmico. Sociedade e Estado. v. 24, p. 149 – 171, 2009.

- SOUZA, C. D. & FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais em Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. v. 20, p. 135 – 142, 2006.
- SOUZA, M. D.; FERNADES, R. R. & PASA, M. C. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de São Gonçalo Beira Rio, Cuiabá, MT. *Revista Biodiversidade*. v. 9, p.91–100, 2010.
- VENDRUSCOLO, G. S. & MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Acta Botânica Brasilica*. v. 20, p. 367 – 382, 2006.
- WAYLAND, C. The failure of pharmaceuticals and the power of plants: medicinal discourse as a critique of modernity in the Amazon. *Social Science & Medicine*. v. 58, p. 2409 – 2419, 2004.